



TRILHAS EDUCATIVAS





CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

Imagine uma escola
sem muros, aberta à
comunidade...

Aos Educadores e Gestores

Caras educadoras e educadores, que, no seu trabalho cotidiano em salas de aula, na gestão escolar ou na liderança comunitária, vêm buscando novas práticas para superar os desafios que a tarefa da educação nos impõe hoje e agora.

O conceito de educação comunitária pode ser adotado por todos: pais, alunos, professores, diretores, coordenadores, gestores públicos e líderes comunitários. Vale destacar que a educação comunitária representa a descoberta de um novo olhar da educação, que visa a transformar toda a comunidade em espaços de aprendizagem. A educação comunitária amplia as áreas de trocas de saberes e de conteúdos.

Ao adotar essas práticas, o educador terá oportunidade de trazer elementos do dia-a-dia da comunidade para dentro da escola. O cotidiano então sempre será contemplado, pois o aprendizado precisa estar vinculado à vida das pessoas.

O principal animador deste processo é o educador comunitário, que faz a ponte entre a escola e a comunidade. Estamos falando de pessoas comprometidas que desejam mobilizar a escola e capazes de gerar transformações. O educador comunitário é um articulador que coloca as pessoas em contato, um empreendedor comunitário com visão educacional.

Nós, da Cidade Escola Aprendiz, buscamos trazer o conjunto de ações e procedimentos de educação comunitária não como algo novo, mas sim como práticas que são constantes na história da humanidade. Este livro apresenta conceitos e trilhas possíveis para o fortalecimento dos vínculos entre a escola, a família e a comunidade.

Por isso fazemos este convite: para que você adote a educação comunitária em seu cotidiano e nas suas práticas educacionais.

Centro de Formação da Associação Cidade Escola Aprendiz



Agradecemos a todos os parceiros e apoiadores da Associação Cidade Escola Aprendiz e, em especial, à equipe de educadores e colaboradores que, através de seus projetos e sonhos, aprimoram no dia-a-dia a prática e os conceitos de Educação Comunitária.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

- 09 A História e as Estórias da Cidade Escola Aprendiz**
- 09 Contextualizando a Experiência**
- 12 Bairro-escola**

CAPÍTULO 2

- 15 Educação Comunitária**
- 17 Redes de Relações e Teias de Conhecimentos**
- 18 Os Pensadores**
 - Rosa Maria Torres
 - Jaqueline Moll
 - John Dewey
 - Anísio Teixeira
 - Paulo Freire

21 Princípios da Educação Comunitária

23 Efeitos de uma Educação Compartilhada

CAPÍTULO 3

- 27 Educação Comunitária: Práticas**
- 27 Mapeamento de Potenciais e Oportunidades**
 - Mapeamento Interno
 - Mapeamento Externo
- 31 Mobilização**
 - Sensibilização da Comunidade Escolar
 - Articulação e Efetivação de Parcerias
- 32 Gestão de Trilhas Educativas**

CAPÍTULO 4

- 34 O Educador Comunitário**
- 35 Funções do Educador Comunitário**
 - Gestor
 - Professor
 - Líder Comunitário

CASOS

- 36 Experiências de Educação Comunitária**
 - O Centro pode ser uma sala de aula
 - Olga Arruda
 - Vizinhos Parceiros
 - Ivete Mitico
 - O Pedagogo Comunitário
 - Maura Lígia Costa Russo
 - Derrubando as Paredes
 - Ana Elisa Siqueira
 - Caminhada da Paz
 - Bras Nogueira Rodrigues
 - A Escola que dá Samba
 - Waldir Romero

SAIBA MAIS

- 46 Cursos de Formação em Educação Comunitária**
- 48 Bibliografia e Sites**
 - Sobre os teóricos e os conceitos que influenciam a educação comunitária
- 50 Ficha Técnica**



CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA E AS ESTÓRIAS DA CIDADE ESCOLA APRENDIZ

CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA

A **SEMENTE DA CIDADE ESCOLA APRENDIZ** germinou em 1997, a partir de um **projeto experimental** realizado pelo jornalista Gilberto Dimenstein no laboratório de informática do conceituado Colégio Bandeirantes.

Rapidamente a iniciativa ganhou as ruas e passou a nutrir o sonho de revolucionar a educação, transformando o bairro da Vila Madalena em uma grande escola a céu aberto.

Em 1998, já constituída como uma organização não-governamental, a Cidade Escola Aprendiz ganhou o endereço próprio ao instalar-se em uma antiga oficina de cerâmica localizada na rua Belmiro Braga, no coração da **Vila Madalena**, em frente a um beco e uma praça abandonados, construídos sobre um córrego canalizado, cheio de lixo e vítima fácil de enchentes. Não bastassem essas características, a região era um dos endereços mais freqüentados por traficantes e moradores de rua, portanto evitada pelos demais moradores do bairro.

A respeito do nome escolhido, Gilberto Dimenstein afirma: “O Projeto de descoberta da rua está resumindo nosso nome, inspirado na história paulistana”.

Todas essas adversidades surtiram efeito contrário entre os envolvidos no Aprendiz. Em vez de desânimo, o desafio da transformação. Foi assim que a ONG começou a desenvolver seus primeiros projetos de comunicação e arte-educação, os quais começaram a modificar radicalmente a vida das crianças e dos jovens que dele participavam, juntamente com todo o seu entorno.

Um dos primeiros desafios assumidos pela Cidade Escola foi embelezar e recuperar os espaços deteriorados da Vila Madalena, a começar pelas ruas e praças próximas a sua sede. Nos muros, começaram a ser montados grandes mosaicos com azulejos e bolas de gude, criados por artistas plásticos de grande talento. As intervenções, apesar de muito bonitas, não sobreviveram por muito tempo, depredadas pela comunidade, provavelmente como uma forma de protesto por não ter participado daquela construção.

O **projeto** consistia em um amplo programa de educação para cidadania, que estimulava os alunos a extrapolar os muros da escola e a assumir responsabilidades comunitárias.

A **Vila Madalena** nem sempre foi o bairro da moda que é atualmente, visitado por boêmios, artistas e estudantes. No passado, era conhecido como “Risca Faca”, freqüentado por pessoas nada amigáveis e tinha, ainda, o seu comércio dominado por botecos. Mas aquele cenário mudou: a Vila Madalena hoje é também conhecida como o bairro da “Cidade Escola Aprendiz”.



Como quem ensina também aprende, logo depois, a Cidade Escola Aprendiz começou a envolver as crianças e os adolescentes da comunidade no plano de recuperação dos espaços deteriorados do bairro. Os mesmos elementos voltaram a ser utilizados, só que, dessa vez, a partir de criações coletivas realizadas com a participação dos moradores. O diálogo com a comunidade surtiu os efeitos esperados, e os mosaicos e as bolas de gude colocados a partir de então continuam estampados nos muros e equipamentos públicos. Hoje, graças a esse envolvimento, é impossível caminhar pela Vila Madalena sem reparar nas inúmeras intervenções de arte, que transformaram o bairro em um verdadeiro caleidoscópio urbano.

Nesse processo de educação e re-significação dos espaços públicos, diversos atores locais se envolveram fortemente e muitos espaços comerciais passaram a abrir suas portas para a comunidade, transformando-se em verdadeiras salas de aula.

Com todos esses acontecimentos, a Belmiro Braga já não era mais a mesma. Totalmente revitalizada, cada vez ficava mais bonita e atraente, passando a abrigar o **Café Aprendiz**, a Praça Aprendiz das Letras e o Beco-Escola, com seus imensos painéis de grafite. A rua, além de espaço de aprendizagem, transformou-se em cartão postal da cidade, demonstrando que São Paulo também pode ser bonita e acolhedora.



BAIRRO-ESCOLA

O CONCEITO DE “BAIRRO-ESCOLA” BASEIA-SE EM DOIS PRESSUPOSTOS:

1) O ato de aprender é o ato de se conhecer e de intervir no seu meio.

2) A educação deve acontecer por meio da gestão de parcerias, envolvendo escolas, famílias, poder público, empresários, organizações sociais e associações de bairro, capazes de administrar as potencialidades educativas da comunidade.

OS PASSOS UTILIZADOS PELO APRENDIZ PARA IMPLEMENTAR UM BAIRRO-ESCOLA SÃO:

1) apostar nas riquezas comunitárias, fortalecendo o que já existe, através de um trabalho de mapeamento investigativo e conhecimento constante;

2) identificar um foco espacial delimitado e revitalizar constantemente o espaço público, demonstrando que uma nova cidade se torna possível através da educação;

3) avaliar e sistematizar constantemente o modelo de gestão, tornando-o mais eficiente;

4) perseguir sempre as alianças nos seus mais variados níveis, incluindo artesãos, lojistas, professores, secretários municipais e estaduais, subprefeituras, indivíduos, associações não governamentais e, principalmente, os jovens e as crianças, agentes e beneficiários dessas mudanças;

5) aprender junto com os professores e desenvolver inovações pedagógicas, formando um grande “consórcio de vontades”;

6) enfatizar a importância da educação no papel da formação de indivíduos autônomos e solidários e da escola como parte de um processo de aprendizagem que é eterno, para o resto da vida;

7) sensibilizar as lideranças comunitárias e desenvolver um olhar educativo, atendendo às demandas do aprendizado permanente.

Ao longo dos anos, os educadores e as próprias crianças e os jovens foram expandindo suas ações pelo bairro e construindo **trilhas educativas**. As aulas passaram a acontecer nos mais diferentes lugares, alguns mais convencionais, como uma oficina de invenção de brinquedos, uma escola de circo e outra de teatro; outros bastante improváveis, como bufês, ateliês de artesãos, estúdios e restaurantes. Além disso, também foram feitos acordos com médicos e terapeutas que passaram a acompanhar o desempenho das crianças.

Seguindo sua própria trilha, a Cidade Escola Aprendiz foi desenvolvendo o conceito de **bairro-escola**, um novo modelo de gestão de potencialidades educativas, que trança o aprendizado à vida cotidiana.

Após implantar o conceito do bairro-escola na Vila Madalena, a Cidade Escola Aprendiz passou a formular a seguinte questão: como multiplicar a experiência desenvolvida em outras comunidades?

A opção foi transformar os espaços revitalizados e as trilhas já construídas em centros de formação, a fim de capacitar **educadores comunitários**, identificados entre professores e lideranças comunitárias, comprometidos, reconhecidos pelo bairro, com olhar educativo e com força para mobilizar os potenciais locais e construir as trilhas educativas, unindo poder público, privado e comunidade.

Nessa perspectiva, a escola é, inquestionavelmente, o ponto catalisador dessa multiplicação, uma vez que tem vocação educativa e possui papel preponderante na comunidade. O desafio é fazer com que essas instituições incorporem a educação comunitária como parte dos seus princípios e processos pedagógicos e gerenciais.

A Cidade Escola Aprendiz atua, portanto, no sentido de criar uma “nova cultura do educar”, que transcende a escola, mas se associa a ela na busca de explorar e desenvolver todos os potenciais educativos da comunidade.

Trilhas educativas são extensões da sala de aula, formadas por praças, parques, ateliês, becos, estúdios, oficinas, empresas, museus, teatros, cinemas, parques de diversão, centros esportivos, bibliotecas, livrarias, etc. Um conceito criado pela Cidade Escola Aprendiz, com o pressuposto de que todo espaço é espaço para o aprendizado.

O **educador comunitário** é o ponto de partida para se implantar uma proposta de educação comunitária. É também um animador educacional capaz de fazer a ponte entre a escola e o seu entorno, seja o bairro ou a cidade.





CAPÍTULO 2 EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

IMAGINE UMA ESCOLA SEM MUROS, aberta à comunidade, que beneficie a todos e também seja cuidada por todos. Uma escola imensa, com quadras de esporte, praças e parquinhos, cinemas, teatros, museus, ateliês, entre muitas outras oportunidades. Uma escola em que o saber acadêmico tenha tanto valor quanto o saber popular e em que o currículo seja uma grande trilha, ao longo da qual se vivenciem experiências e descobertas.

Muitos de vocês devem estar pensando que toda esta descrição não passa de fantasia. Um delírio de quem nunca viveu o dia-a-dia de uma instituição de ensino. Afinal, como ter segurança e controle, se não temos muros? Como viabilizar toda essa infra-estrutura, se os recursos são finitos? Como proporcionar experiências, se há tanto conteúdo a ser passado? “Diretores e professores não são mágicos”, diriam os mais céticos.

Outros podem ter acreditado que a descrição que abre este capítulo seja, na verdade, uma grande metáfora. Uma alusão à “escola da vida”, ou seja, aos processos pelos quais passamos ao longo da nossa existência, que nos ensinam a lidar com os desafios, as alegrias e os dramas cotidianos. Mas também não é disso que estamos falando.

A escola que descrevemos tem origem na percepção de que a educação, enquanto processo complexo e contínuo, prescinde de muito mais recursos e oportunidades do que uma instituição educativa convencional é capaz de oferecer. As exigências nessa área são crescentes. As famílias querem que os professores cuidem de seus filhos e os disciplinem e preparem para a vida. O mercado de trabalho demanda profissionais cada vez mais qualificados. A sociedade necessita de cidadãos mais conscientes e participativos.

As escolas são pressionadas a oferecer todas essas respostas, mas não conseguem dar conta nem das suas funções mais elementares, em parte por conta de problemas passíveis de serem resolvidos se o nosso país levasse mais a sério a educação, em parte por exigirmos que um único ator social assumira uma responsabilidade que cabe a todos nós.

A Constituição Brasileira, em seu artigo 227, diz que é dever da família, do Estado e da sociedade cuidar de suas crianças e seus adolescentes

com absoluta prioridade, garantindo-lhes acesso a seus direitos fundamentais, inclusive à educação. Somos todos, portanto, co-responsáveis por essa missão. Sob essa perspectiva, fica claro que, ainda que isso fosse possível, não cabe apenas à escola a tarefa de educar.

A escola que descrevemos deixa de ser sonho quando toda a comunidade se transforma numa grande sala de aula. Quando os alunos passam a aprender física na oficina mecânica, literatura na biblioteca do bairro, química na cozinha de um restaurante, história nos museus e monumentos, artes nos teatros e cinemas da cidade.



A Educação Comunitária acontece neste momento, quando os processos formativos extrapolam o contexto escolar e tomam conta das ruas, adentrando espaços públicos, estabelecimentos comerciais, associações e centros culturais. Uma invasão consentida e planejada, articulada pela escola em estreita parceria com toda a comunidade.

Trata-se de uma nova cultura, forjada a partir desse novo olhar sobre a educação, em que a escola deixa de ser o único espaço educativo para se tornar catalisadora e articuladora de muitas outras oportunidades de formação. Uma nova forma de pensar e fazer educação, a partir de processos

geridos com a participação da própria comunidade, envolvendo múltiplos espaços e atores, com o propósito de desenvolver o capital humano e fortalecer o capital social de um bairro, uma região ou toda uma cidade.

Entendemos por capital humano a capacidade que cada indivíduo tem de superar as adversidades e aproveitar as oportunidades com as quais se depara ao longo da sua existência. Capacidades estas principalmente associadas ao seu nível educacional e às suas condições de saúde e bem-estar. O capital social, por sua vez, diz respeito à qualidade das relações existentes entre as pessoas e as instituições que fazem parte de uma determinada comunidade. Relações baseadas na confiança, no compartilhamento e na solidariedade tendem a gerar grupos sociais mais coesos, organizados, participativos e inclusivos, ou seja, mais aptos a enfrentar seus desafios

coletivos e a promover benefícios para todos os seus concidadãos.

É neste sentido que podemos afirmar que a Educação Comunitária atua simultaneamente no âmbito do capital humano e do capital social, uma vez que desenvolve o potencial dos indivíduos ao mesmo tempo em que estreita os vínculos e promove a sinergia entre os atores locais.

REDES DE RELAÇÕES E TEIAS DE CONHECIMENTOS

A especialista **Rosa Maria Torres** defende que a educação deixe de ser vista como função da “comunidade escolar” para tornar-se responsabilidade da **Comunidade de Aprendizagem**. Ou seja, de toda uma comunidade humana, formada por alunos, professores, pais e demais cidadãos locais, que juntos constroem um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si, suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço interno, cooperativo e solidário, baseado no diagnóstico de suas carências e, principalmente, no reconhecimento das forças de que dispõe para superar essas dificuldades.

Outros pesquisadores, como a doutora em educação **Jaqueline Moll**, expandem ainda mais esse conceito e disseminam a proposta de que as cidades, sejam elas pequenas ou grandes, assumam e exerçam funções pedagógicas. As **Cidades Educadoras** seriam aquelas dispostas a identificar suas inúmeras possibilidades educacionais e a priorizar a formação permanente da sua população.

Seguindo essa mesma tendência, as escolas que incorporam a Educação Comunitária no seu projeto político-pedagógico encaram o desafio primordial de construir uma ampla rede de relações com a qual mapeia os potenciais da comunidade e planeja trilhas educativas. A proposta é fazer com que educadores e educandos extrapolem os limites da sala de aula convencional e passem a circular pelo seu entorno, freqüentando diversos espaços da cidade, nos quais podem observar, experimentar e interagir com distintos interlocutores. Essas vivências têm a função de disparar e contextualizar o processo de construção de conhecimentos, permitindo





Rosa Maria Torres

Conforme a concepção de Rosa Maria Torres, na **comunidade de aprendizagem**, todos são educadores e todos são aprendizes. Desaparecem, então, as barreiras entre educação formal e informal, educação escolar e extra-escolar. Deste modo, também, todos os órgãos do Governo (e não apenas o Ministério da Educação) são responsáveis pela aprendizagem, e os projetos têm cunho associativo e de construção de alianças, fazendo com que as inovações se propaguem em rede.

A construção de uma comunidade de aprendizagem implica rever a distinção convencional entre escola e comunidade, como também entre educação formal, não-formal e informal. Rosa Maria Torres defende que a escola é parte da comunidade, deve-se a ela, existe em função dela, assim, docentes e alunos são ao mesmo tempo agentes escolares e agentes comunitários. Acreditando que a educação não se restringe à escola, a autora defende o desenvolvimento dos potenciais educativos das mais diversas instituições que uma comunidade possui.

Segundo Rosa Maria Torres, os fatores necessários à organização de uma comunidade de aprendizagem são:

- concentração em torno de um território determinado;
- crianças e jovens como beneficiários e atores principais;
- processos associativos e construção de alianças;
- processos participativos na formulação,

execução e avaliação do plano educativo;

- orientação no sentido da aprendizagem e ênfase na inovação pedagógica;
- revitalização e renovação do sistema escolar público;
- prioridade para as pessoas e desenvolvimento dos recursos humanos;
- sistematização, avaliação e difusão da experiência;
- continuidade e sustentabilidade dos esforços.



Jaqueline Moll

Jaqueline Moll se destaca no Brasil pela especialização no tema das **“cidades educadoras”**. O pressuposto básico desse conceito consiste na cidade ad-

mitir e exercer funções pedagógicas que vão além das suas tarefas econômicas, sociais e políticas tradicionais e propõe a construção da comunidade de aprendizagem na qual professores, pais, alunos e demais membros se tornem protagonistas nas decisões acerca das trajetórias que os alunos percorrerão na escola.

“Hoje mais do que nunca as cidades grandes ou pequenas dispõem de incontáveis possibilidades educacionais. De uma forma ou de outra, elas possuem em si mesmas elementos importantes para uma formação integral. A cidade educadora é um sistema complexo, em constante evolução, e pode ter expressões

que o currículo escolar se articule organicamente com a vida cotidiana.

Nesse aspecto, a Educação Comunitária encontra-se com o pensamento do filósofo americano **John Dewey**, que, no final do século XIX, já baseava suas propostas educacionais na ideia de que a escola é a vida e não apenas uma preparação para ela. Ao idealizar a **Pedagogia de Projetos**, o pensador buscou entrelaçar o aprender ao fazer, acreditando que o pensamento é estimulado quando as pessoas têm a oportunidade de agir concretamente para resolver um problema ou uma questão. Dewey propunha que os conteúdos escolares fossem abordados de forma menos acadêmica e mais centrada nas situações do cotidiano, principalmente por acreditar que as potencialidades individuais só se desenvolvem realmente quando em contato com a sociedade.

Inspirado por essas ideias, o brasileiro **Anísio Teixeira** concebeu a proposta da **Escola Parque**, com o propósito de que as instituições educacionais deixassem de ser lugar somente de letras e de iniciação intelectual para promover o desenvolvimento do pensar, fazer, trabalhar, conviver e participar. Anísio também acreditava que a educação precisava ser regionalizada, de maneira que sua gestão e seus programas respeitassem as características de cada localidade onde fosse realizada, além de valorizar essa especificidade local. É o que atualmente chamamos de “agir local, pensar global”. Se cada pequeno pedaço está bem nutrido de seus saberes – saberes que ali nascem e são reconhecidos – não seria este país uma totalidade de riquezas? Como no mosaico, cada detalhe bem cuidado forma a composição do todo.

Profundamente impregnada por esses ideais, a Educação Comunitária prevê que a escola, ao criar suas redes de relações, seja capaz de utilizar todo o potencial disponível na comunidade para acessar as mais diversas teias do conhecimento humano, de forma a promover o desenvolvimento integral de seus alunos, lidando não apenas com os aspectos cognitivos, mas também com a formação de valores, habilidades e atitudes. Mais do que isso, a Educação Comunitária conecta indivíduo e sociedade de tal maneira que o desenvolvimento do primeiro tem impacto profundo e imediato no segundo e vice-versa.



TORRES, Rosa Maria. Comunidade de Aprendizagem: A educação em função do desenvolvimento local e da Aprendizagem.

diversas; porém sempre dará prioridade absoluta a um investimento cultural e à formação permanente de sua população.”

Carta das Cidades Educadoras, declaração de Barcelona, 1990.

Moll afirma que tanto o conceito de comunidade de aprendizagem quanto o de cidades educadoras são ampliadores da concepção tradicional de educação, pois ambos permitem a reinvenção da escola, da comunidade e da cidade. Essas perspectivas procuram enxergar a educação para além da escola, fazendo com que todos (pais, professores, alunos, membros da comunidade) se co-responsabilizem pela educação das crianças e dos jovens.

Para que o objetivo de transformar todas as pessoas que vivem nas cidades educadoras em educadores seja alcançado, Jaqueline Moll destaca algumas ações que precisam ser postas em prática:

- grande interlocução com a comunidade mediada pela escola;
- forte grau de identidade entre o projeto pedagógico da escola e as pessoas que vivem na comunidade;
- bom e real conhecimento da escola de todos os espaços de convivência e das lideranças da sua comunidade;
- frequência de pais de alunos à escola, assim como frequência de alunos e professores à comunidade.

A autora destaca que o conceito das escolas educadoras tem a capacidade de retirar a escola de uma invisibilidade, dando a oportunidade aos indivíduos de (re)aprenderem a cidade e todas as suas possibilidades.



John Dewey

John Dewey é um dos mais importantes referenciais na **Pedagogia de Projetos**, que tem como premissa unir o aprender ao fazer.

Formulou a filosofia da educação e defendeu o contínuo movimento de revisão e reconstrução do processo educativo. Para ele, o indivíduo só cresce e se desenvolve quando realiza amplamente todas as suas potencialidades, processo possível apenas quando inserido no contexto social. Logo, concluiu que o desenvolvimento coletivo impulsiona também o crescimento individual.

A concepção de que a escola é a vida e não uma preparação para a vida leva Dewey a considerar fundamental a escolarização universal, propondo uma escola centrada nos interesses atuais das crianças não como subterfúgio para gerar motivação, mas como uma forma de ensinar a relação essencial entre conhecimento humano e experiência social.

Para o autor, o pensamento é estimulado quando há um problema cuja solução demanda atos a serem executados por vontade própria. Dessa forma, a escola tradicional, com suas disciplinas, deveria deixar de existir para dar lugar a um ensino a partir de ocupações construtivas, que envolvesse o aluno, despertando sua curiosidade. O aperfeiçoamento dos métodos de ensino-aprendizagem deve se orientar por condições que estimulem, promovam e ponham à prova a reflexão e o pensamento.

MOLL, Jaqueline. Reinventar a escola dialogando com a comunidade e com a cidade: Novos Itinerários Educativos.

Assim como valoriza os saberes da comunidade, esse novo olhar sobre a educação também considera o repertório cultural de cada aluno. Busca-se, nesse caso, não a contraposição, mas a complementação entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes populares. A proposta tem eco em **Paulo Freire**, que em sua **Pedagogia Libertária** compreende o educando como sujeito ativo, cuja cultura e subjetividade devem ser respeitadas.

Freire condenava as práticas autoritárias de ensino e pregava que a relação entre professores e alunos deveria ser complementar e nunca entre superiores e inferiores. Ao reconhecer o educando e desenvolver a sua liberdade com responsabilidade, o professor estaria, ao mesmo tempo, conquistando o seu próprio espaço como impulsionador do processo educativo. O Educador Comunitário também é percebido como um grande mobilizador de potenciais e oportunidades, com os quais ensina e aprende simultaneamente. É ele que constrói e anima a rede de relações, que tece a teia do conhecimento.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

A Educação Comunitária baseia-se em princípios que a definem e a distinguem dos processos educativos convencionais. Mais do que as ações que propõe, são esses valores que identificam o tipo de processo formativo que busca desenvolver.

Transcendência – Educação a vida toda, a todo momento e em todo lugar. A Educação Comunitária transcende a escola junto com a própria comunidade escolar. As fronteiras se expandem, o tempo se alarga. Não existe mais um único lugar, nem uma hora determinada para que as pessoas entrem em contato com o conhecimento. A educação toma conta das ruas e do cotidiano das pessoas. A qualquer instante, um espaço aparentemente inusitado pode se transformar em sala de aula, a partir de um processo cada vez mais orgânico, ainda que intencional e organizado.

Permeabilidade – Os processos e projetos pedagógicos passam a fazer parte da cultura, da agenda e da rotina de todos os envolvidos. A educação é incorporada pela comunidade como direito, dever, mas principalmente como um valor construtivo, que a ela pertence.

Co-responsabilidade – Diretores, professores, alunos, familiares e conselhos escolares aliam-se a diferentes atores e organizações da sociedade e assumem, todos juntos, o desafio de promover a formação de crianças, jovens e adultos de uma determinada comunidade. A escola ganha importância cada

DEWEY, John.
O ato de pensar
e a educação
e A natureza
do Método.

Dewey propõe que a apresentação de qualquer matéria seja o menos acadêmica ou escolástica possível, trazendo situações do cotidiano não para validar os interesses da criança, ou das matérias escolares na construção do currículo, mas para garantir a compreensão e o desenvolvimento contínuo das experiências associadas entre si. O educador deve então criar as condições para estimular o pensamento, a construção da solução de problemas com o aluno. Logo, a função da escola em relação à dimensão mental dos alunos é a de desenvolver a capacidade de pensar, pautada pelo aumento da capacidade de agir e de apreender os significados do que se processa com as pessoas e com o mundo. Seguindo por este raciocínio, pode-se concluir que aqueles que adquirem aptidões irrefletidamente se tornam indivíduos à mercê da rotina enfadonha e do autoritarismo alheio. Para Dewey, pensar é o método de se aprender inteligentemente.



Anísio Teixeira

Anísio Teixeira defendia um autêntico sistema de educação pública, mudando a concepção de educação no país. Defendia que era preciso que o Governo, para ser verdadeiramente democrático, pensasse na educação “comum”, oferecendo uma escola primária capaz de dar ao povo brasileiro a formação fundamental para o trabalho, uma escola média atenta à variedade de aptidões e ocupações e uma escola superior capaz de promover a mais alta cultura e maior especialização.

Portanto, nada de se restringir às letras ou à iniciação intelectual, mas ser, sobretudo, um espaço de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, agir, trabalhar, conviver e de participação em uma sociedade democrática, cujo soberano fosse o próprio cidadão. A escola seria, então, a própria vida da comunidade, com o seu trabalho, as suas tradições, suas características. Além de prática e em tempo integral, Anísio defendia que a escola primária fosse regionalizada, atendendo às especificações de cada região. A municipalização da escola, com administração local, programa local e professor local seria fundamental para o processo de descentralização da educação brasileira proposto por Anísio. Ele ressaltava sempre, porém, a necessidade de que a escola fosse assistida e aconselhada tecnicamente pelos quadros estaduais e federais.

A aplicabilidade de muitos aspectos da política educacional que Anísio propunha pôde ser verificada na experiência que desenvolveu na Bahia, na Escola Parque.

A Escola Parque

Em 1947, Anísio Teixeira idealizou na Bahia o primeiro Centro de Educação Primária, que seria formado por quatro escolas-classe para mil alunos cada e uma escola-parque para os quatro mil alunos. A idéia era que as escolas funcionassem em dois turnos conjugados, com o objetivo de tornar integral o período de permanência dos alunos nas escolas.

O sonho de Anísio Teixeira era muito inovador e corajoso porque apresentava uma transformação total na forma de educar. Metade do tempo os alunos estariam nas escolas-classe, que eram organizadas pelos graus convencionais e

vez maior ao tornar-se propositora e articuladora de parceiros, com os quais passa a compartilhar e a responder melhor às suas inúmeras atribuições.

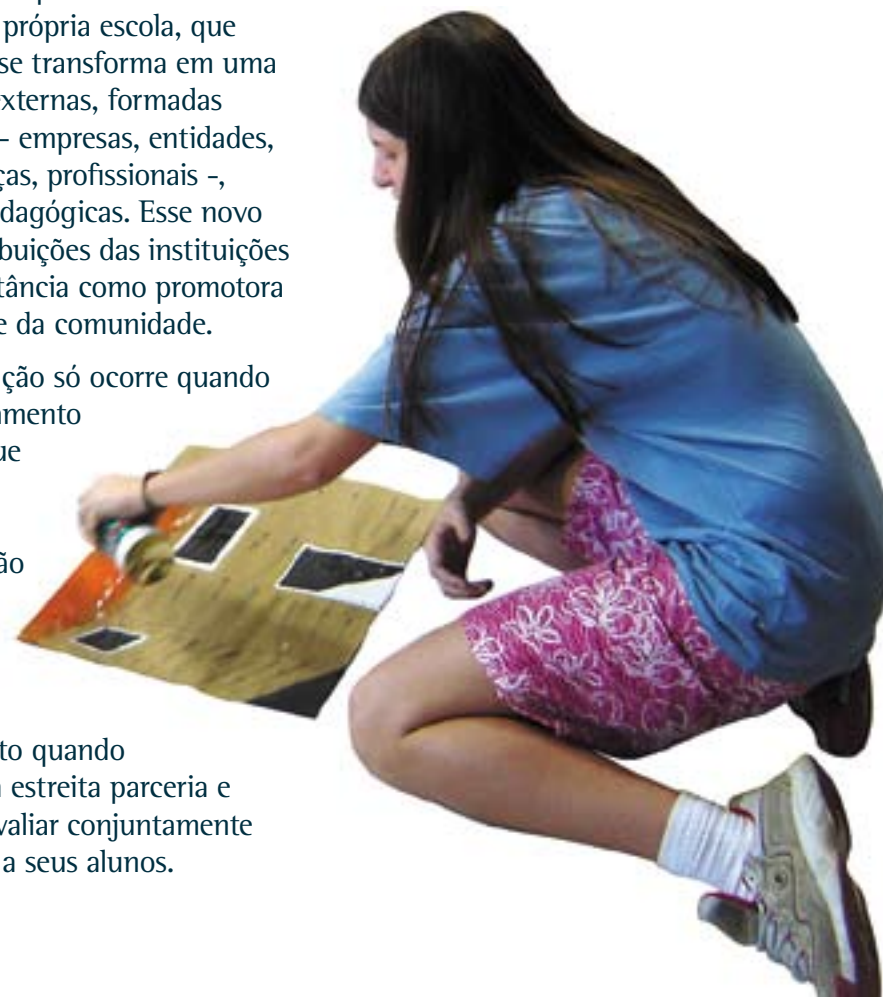
Conectividade – A educação, transformada em objetivo comum e superior, aproxima as pessoas e instituições. Gera vínculos, promove a formação de redes de articulação e cooperação, a produção e partilha de conhecimentos, a concepção e implementação de soluções coletivas. Alia-se o desenvolvimento do capital humano ao fortalecimento do capital social.

Re-significância – A Educação Comunitária confere um novo significado à educação, que passa a ter um sentido muito mais profundo para a vida das pessoas e uma ligação mais estreita com o seu cotidiano.

EFEITOS DE UMA EDUCAÇÃO COMPARTILHADA

A Educação Comunitária provoca impactos em diversos níveis. O mais imediato ocorre na própria escola, que abre suas portas para o mundo e se transforma em uma grande co-articuladora de redes externas, formadas pelos mais diversos atores sociais – empresas, entidades, centros culturais, artistas, lideranças, profissionais –, que passam a assumir funções pedagógicas. Esse novo papel expande as tradicionais atribuições das instituições de ensino e fortalece a sua importância como promotora do desenvolvimento das pessoas e da comunidade.

Vale ressaltar que essa transformação só ocorre quando acompanhada por um reposicionamento efetivo. Existem muitas escolas que organizam passeios e atividades externas para os seus alunos. Tais ações são muito louváveis, mas não significam necessariamente que a população está se co-responsabilizando pela formação dos seus cidadãos. A mudança de papel acontece de fato quando escola e comunidade firmam uma estreita parceria e começam a planejar, executar e avaliar conjuntamente os processos educativos dirigidos a seus alunos.



TEIXEIRA, Anísio.
Educação não é
privilégio e A Escola
Parque da Bahia.

a outra metade, na escola-parque, estruturada de maneira completamente distinta da escola tradicional, com cerca de apenas 20 alunos por sala, agrupados por idades e aptidões.

Sendo assim, todos se envolviam em atividades de trabalho, artísticas e sociais, praticavam educação física e ainda freqüentavam a biblioteca, formando um conjunto rico e diversificado de experiências e desenvolvendo a capacidade de imaginar, planejar e elaborar projetos.

Para Anísio Teixeira, o aluno deveria se sentir o estudante na escola-classe, o trabalhador nas oficinas de atividades industriais, o cidadão nas atividades sociais, o esportista no ginásio e o artista no teatro e nas demais atividades de arte, pois todas essas atividades podiam e deviam ser desenvolvidas partindo da experiência atual das crianças.

O grande orgulho do educador consistia no fato da experiência ter sido desenvolvida exclusivamente por professores brasileiros, sem nenhum tipo de apoio estrangeiro.



Paulo Freire

Educador pernambucano, Paulo Freire ficou conhecido no mundo todo por seus ideais humanistas e socialistas. Freire crê que a educação é um ato político porque a escola está sempre inserida em um jogo de relações políticas e sociais.

Sua concepção centrou-se na **pedagogia libertária**, a qual defendia o respeito à diversidade e colocava educador e educando como eternos aprendizes, ambos produzindo conhecimento num processo de ensino e

aprendizagem recíproco e coletivo. A pedagogia libertária rejeita a tese de que o conhecimento e a escola são neutros e que, portanto, os professores devam ter uma atitude neutra. Também condena as práticas autoritárias de ensino e prega que o educador também precisa ser educado. Contudo não se trata de um processo anárquico, sem lideranças. O professor assume o papel de conhecer o grupo ao qual dará aulas a fim de conquistar o seu espaço e impulsionar o processo educativo.

Os sujeitos envolvidos na relação educativa não vivenciam necessariamente uma relação de iguais, mas de complementares, jamais superiores e inferiores. O estímulo à autonomia do aluno é papel do professor, que deve ensinar a liberdade com responsabilidade, sem jamais fazer com que a sua autoridade sufoque a liberdade do educando. Seu esforço consiste em aceitar os alunos como sujeitos ativos, que possuem capitais culturais e subjetividades que devem ser respeitadas.

Neste contexto, a pedagogia libertária defende o respeito ao saber do educando, de forma que ele tenha condições de apreender o discurso legitimado pela cultura dominante a partir da sua própria linguagem. Essa é uma tentativa de não desprezar o currículo oculto, ou seja, não precisar fazer com que o aluno negue todos os seus saberes, vindos da família, da sua comunidade e da sua região para poder aprender os conteúdos do currículo escolar.

SILVA, Ozaí.
Pedagogia Libertária
e Pedagogia Crítica.

Como exemplos, podemos citar quando o monitor da biblioteca e o professor planejam juntos, dialogam antes de uma trilha educativa acontecer ou quando ocorrem Fóruns da APM para deliberar sobre a efetiva participação de todos em programas da escola.

A Educação Comunitária também tem impactos sobre o contexto social. Quando a população encontra oportunidades efetivas de inclusão e participação, acaba por desenvolver uma nova percepção e uma relação muito mais profunda com a escola que está ao seu lado. Passa a valorizar ainda mais o conhecimento e aqueles que o disseminam. Sentem que a escola lhes pertence e que eles também pertencem à escola. E os educadores, atualmente desprestigiados, podem ganhar um novo status social, uma vez que os cidadãos compreendem a relevância da sua profissão e o valor que a educação tem na sociedade.

Se por um lado a comunidade cria um sentimento de pertencimento em relação à escola, por outro os alunos passam a se sentir mais integrados à própria comunidade. Esse envolvimento e articulação entre a educação e a vida cotidiana fazem com que os educandos se apropriem dos processos de aprendizagem, participem deles e os aproveitem mais intensamente. Os conteúdos ganham novo sentido, uma vez que sua utilidade se torna mais perceptível. As experimentações ampliam seu repertório cultural, sua capacidade de empreender iniciativas e de resolver os mais variados tipos de problemas.

Por conta disso, a Educação Comunitária acaba contribuindo fortemente para que os alunos sejam mais autônomos e empreendedores. Também desenvolve o senso de responsabilidade, ampliando a capacidade dos indivíduos se relacionarem de forma positiva consigo mesmo, com o seu futuro, com as pessoas à sua volta e com a comunidade em que estão inseridos.

Outro grande diferencial dessa nova proposta educacional está na percepção da indissolubilidade entre capital humano e capital social. Ao desenvolver o potencial das pessoas, a Educação Comunitária fortalece a comunidade. Por outro lado, ao articular e mobilizar a participação da comunidade, cria novas oportunidades para promover a formação das pessoas. O processo gera um amplo círculo virtuoso com grande poder de irradiação.



CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: PRÁTICAS

A EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA ACONTECE NO MOMENTO em que a escola e a comunidade verdadeiramente se encontram, se fundem e se confundem. Quando os limites entre esses dois mundos, antes muito apartados, já não são tão visíveis. Objetivos comuns, complementação de papéis, confluência de identidade. O encontro tem caráter transformador. A educação torna-se comunitária e a comunidade torna-se educadora. Os temas que mobilizam a comunidade transformam o currículo e tornam-se objeto de estudo na sala de aula. As ações pedagógicas articuladas pela escola transformam o cotidiano e são incorporadas pela comunidade.

A interação acontece de diversas maneiras, porque depende fundamentalmente do que cada um dos atores envolvidos traz para o processo. Não existe um jeito certo, nem um único modo de fazê-la acontecer. Cada escola-comunidade descobre a sua própria forma de se articular. Existem, no entanto, algumas etapas que, como uma espécie de roteiro, podem orientar aqueles que desejam se inserir no caminho da Educação Comunitária:

- 1. Mapeamento de Potenciais e Oportunidades;**
- 2. Mobilização;**
- 3. Gestão de Trilhas.**

MAPEAMENTO DE POTENCIAIS E OPORTUNIDADES

O mapeamento é a etapa em que escola e comunidade lançam um novo olhar sobre si mesmas para identificar potenciais e oportunidades pedagógicas ainda não reconhecidos. O desenvolvimento dessa atividade pressupõe três habilidades específicas: observação, registro e reflexão.

A observação acontece enquanto andamos, olhamos, cheiramos e sentimos a comunidade. Ou seja, precisamos aguçar nossas percepções com relação a lugares, pessoas e equipamentos públicos, que passam despercebidos pelo nosso dia-a-dia. Além disso, temos que conversar e entrevistar pessoas e pesquisar em livros e na internet.

O registro materializa os processos de mapeamento externos e internos,



dando origem a um produto prático. Não existem formatos obrigatórios ou estabelecidos para construção deste material. Cada grupo deve dar vida ao seu a partir das suas aptidões e referências pessoais. Dessa maneira, o mapa pode assumir a forma de um relato, um álbum de fotos, um vídeo, um diagrama, uma tabela, um mapa cartográfico ou geográfico, entre outras possibilidades. O mais importante é que o documento faça sentido para quem o produz e para todos aqueles aos quais se destina.

A reflexão pressupõe a re-significação dos temas, locais e atores mapeados, o que só acontece quando incorporamos uma nova cultura do educar, que percebe e valoriza todos os potenciais de aprendizagem que a comunidade oferece.

Mapeamento Interno

A primeira fase do mapeamento tem como foco o universo interno da escola e de seus integrantes e pode ser realizada com apoio de três iniciativas:

• Identificação dos Atores da Comunidade Escolar

Um dos desafios da Educação Comunitária é disseminar essa nova cultura entre os diversos atores que compõem a comunidade escolar, a fim de que todos se envolvam e participem. Para tanto, torna-se indispensável identificar quem são as pessoas e os grupos que integram esse universo, qual a sua atitude diante da escola e do seu entorno, como se organizam, que papel desempenham, que tipo de liderança exercem. Vale a pena lembrar que alguns deles podem se transformar em importantes aliados, como o conselho escolar, a associação de pais e mestres e o grêmio estudantil.

• Construção de Mapas Pessoais

Todas as pessoas têm um mapa pessoal, e é a partir dele que tudo começa. Ao elencar suas percepções, seus contatos e suas referências, os atores envolvidos com a Educação Comunitária apontam uma série de possibilidades educativas, muitas das quais ainda não consideradas. Diretores, professores, alunos, familiares e lideranças comunitárias, por possuírem pontos de vista e experiências pessoais bastante diversificados, contribuem com a montagem de



um caleidoscópio de alternativas. Uma avó que borda, um amigo que constrói pipas, um vizinho que constrói casas, um conhecido que dá aulas de informática, um poeta, um grupo de teatro, uma grande loja, um parque público e a escola de samba do bairro são alguns dos muitos ativos que já existem na comunidade e podem se transformar em oportunidades de aprendizagem.

Para estimular a elaboração dos mapas pessoais, pode-se solicitar que cada um dos atores refaça mentalmente o trajeto que percorre de sua casa até a escola, desta vez com uma nova perspectiva. Algumas perguntas talvez ajudem nesse processo: que lugares e personagens interessantes existem pelo caminho? Sobre o que as pessoas conversam nas ruas? O que chama a atenção de quem passa?

• Construção do Mapa das Relações entre Escola e Comunidade

Uma análise superficial ou apressada pode concluir que a escola possui pouca integração com a comunidade. Prestando-se um pouco mais de atenção, no entanto, observa-se que essa troca é praticamente inevitável. Acontece que alguns vínculos se constroem de maneira tão natural, que nem ao menos são registrados. Às vezes, o encanador que atende à escola mora no bairro, a padaria vizinha fornece pão para a merenda escolar ou o empresário da região contribui com a festa de fim de ano.

Por conta das múltiplas possibilidades de interação, a elaboração deste mapa de relações demanda um trabalho um pouco mais intenso de pesquisa, principalmente junto a diretores, professores, alunos e conselho escolar. O levantamento pode ser realizado por um grupo de voluntários com disponibilidade para conversar com esses interlocutores, obter as informações necessárias e organizá-las em forma de cadastro, com o registro, por exemplo, do nome das pessoas, empresas ou organizações identificadas, seus contatos e as atividades que já realizam em conjunto com a escola. A elaboração desse material pode se tornar o primeiro passo rumo à mobilização de uma futura rede de parceiros.



Mapeamento Externo

A segunda fase do mapeamento busca identificar potenciais educativos externos, ou seja, aqueles que extrapolam os limites da escola. Para realizá-lo, sugerimos duas atividades:

• Identificação de Características e Atrativos da Comunidade

A descoberta do potencial educativo de uma comunidade só acontece quando a conhecemos em profundidade e compreendemos suas vocações e peculiaridades. Para tanto, há que se identificar sua origem, seus costumes e suas tradições, bem como suas histórias e seus personagens. As ações pedagógicas resultantes da interação entre a escola e o seu contexto são mais vastas e profundas quanto mais afinadas se mostram com essas características.

• Mapeamento de Locais e de Aliados da Aprendizagem

Toda comunidade possui recursos que são facilmente percebidos como educativos, a exemplo de uma biblioteca, um teatro ou um museu. Chamamos essas descobertas de “mapas do visível”. Um dos desafios propostos pela Educação Comunitária é fazer com que os atores que estão dentro e fora da escola extrapolem esse limite e consigam também construir os “mapas do invisível”, que incluem possibilidades pedagógicas mais inusitadas. Ao direcionarmos um novo olhar sobre uma praça abandonada, por exemplo, havemos de visualizá-la como um espaço a ser recuperado com a ajuda dos próprios alunos. Um aposentado transforma-se em contador de histórias, e até mesmo uma oficina mecânica passa a ser vista como laboratório de física.

Cabe à Educação Comunitária visualizar, mas também estimular os potenciais pedagógicos da escola e da comunidade que ainda não se manifestaram. No caso de lugares ou atores que ainda não se reconhecem como educadores, há que se despertar o desejo e aprofundar a sua capacidade de acolher, educar e realizar trocas, a fim de que possam utilizar seus saberes próprios para oferecer oportunidades de observação e experimentação para os alunos.

É interessante que os lugares de aprendizagem estimulem a aquisição de habilidades práticas e que as pessoas tenham ou desenvolvam motivação, disponibilidade, interatividade e repertório para educar. Ou seja, para oferecer alternativas que complementem e enriqueçam o conteúdo escolar



já disponibilizado para crianças, jovens e adultos da região, os aliados da educação precisam se apropriar do papel de educador ou mediador da aprendizagem, a fim de que se tornem co-responsáveis pelo desenvolvimento do outro.

Por fim, precisamos incorporar ao processo de aprendizagem os temas e a motivação que são caros a cada comunidade. Daí a importância de se mapear a cultura local, as referências mais significativas para as pessoas do lugar e, principalmente, observar o que faz mais sentido e o que é mais oportuno para aquela população.

MOBILIZAÇÃO

A fase de mobilização tem como objetivo estruturar a rede de relações que tece a teia do conhecimento. Para tanto, é preciso mostrar às pessoas a importância da Educação Comunitária e convencê-las a se apropriar dessa nova forma de ensinar e aprender.

Sensibilização da Comunidade Escolar

A sensibilização interna é um momento extremamente estratégico no processo de mobilização. Os atores que já fazem parte da escola têm que compreender a importância e os ganhos promovidos pela Educação Comunitária, percebendo que a parceria com a comunidade não substitui, nem diminui o seu papel, mas complementa a sua atuação. Se a proposta não for apresentada de maneira clara e contundente, há uma grande possibilidade de ser ignorada ou mal compreendida, o que certamente comprometerá a intensidade e qualidade do envolvimento.

Cabe a cada escola descobrir os melhores meios para mobilizar seus integrantes. Campanhas e eventos de divulgação são muito bem-vindos, mas devem ser acompanhados por encontros de esclarecimento, capazes de solucionar dúvidas. Mais fundamental ainda é garantir que todos tenham a possibilidade de participar do planejamento e da realização de ações conjuntas, assumindo





responsabilidades e aprendendo na prática a atuar de forma articulada com a comunidade sem deixar de levar em conta a sua identidade e autonomia.

Articulação e Efetivação de Parcerias

A formação da rede de relações externas depende da construção de objetivos comuns e da existência de oportunidades que permitam aos líderes comunitários realmente participar do cotidiano da escola. Se a população não se conscientizar do seu papel pedagógico e não

perceber os benefícios que essa nova atitude pode trazer para cada um e, principalmente, para os alunos e para a comunidade, dificilmente se conseguirá alcançar um nível de comprometimento significativo.

Por outro lado, há que se lembrar que a Educação Comunitária não acontece sem a articulação de parcerias efetivas e duradouras. É importante, portanto, trazer o parceiro para dentro da escola, a fim de que, provocado pelo mapeamento, identifique a melhor forma de participar, desenvolva seu potencial de aprendizagem e envolva-se intensamente na elaboração e execução do projeto em que decidir se engajar.

O processo de construção de parcerias, quando bem realizado, tende a gerar a articulação de uma rede de aliados da escola e, conseqüentemente, da educação. Um movimento que, embasado pelos objetivos comuns já construídos e materializado pelas ações conjuntas em curso, pode repercutir no desenvolvimento de iniciativas mais amplas e expressivas, com maior capacidade de impacto, inclusive sobre as políticas e o sistema público de ensino.

GESTÃO DE TRILHAS EDUCATIVAS

As trilhas educativas nascem com a proposta de conferir mais movimento, contextualização e organicidade ao currículo escolar, justamente a partir da sua interação com a comunidade. A idéia é deslocar o processo de ensino-aprendizagem de uma perspectiva linear e unidirecional e oferecer alternativas para que professores e alunos possam dispor de diversos pontos de encontro e várias formas de promover a construção de conhecimentos.

Concretamente, estamos dizendo que, nesta etapa, as possibilidades de aprendizagem identificadas através do mapeamento e articuladas durante a mobilização transformam-se em trilhas educativas. Tome-se como exemplo um grupo de professores que decide trabalhar os conteúdos curriculares de uma determinada série a partir da história da cidade. Analisando o mapeamento, eles percebem que podem lançar mão de: museus e monumentos para abordar os eventos históricos; grupos de idosos para relatar os costumes e o contexto social da época; a antiga sede da bolsa de valores para lidar com a matemática; um fotógrafo para falar sobre processos químicos.

A Educação Comunitária prevê que professores e alunos criem suas próprias trilhas educativas, definindo conjuntamente os espaços para onde querem ir, as pessoas com quem desejam interagir e quando cada um desses encontros acontecerá. Em seguida, cabe ao Educador Comunitário a função de gerenciar o processo, a fim de que tudo se desenrole conforme o planejado. A gestão inclui, principalmente, a mediação das relações entre parceiros e comunidade escolar e a organização das ações educativas a serem realizadas.

É interessante que o Educador Comunitário também envolva todos os participantes na avaliação das trilhas educativas, a fim de que sejam aprimorados, registrados em um banco de casos, socializados e utilizados por outros grupos de professores e alunos.

Vale lembrar que uma trilha educativa, para funcionar a contento, deve ter o máximo de convergência possível com o plano pedagógico da escola e com as características e vocações da comunidade. Também precisa ser incorporada ao processo de ensino-aprendizagem, não como uma atividade extra-classe, mas como base sobre a qual o currículo é trabalhado.

CAPÍTULO 3 O EDUCADOR COMUNITÁRIO

O Educador Comunitário tem o papel de criar pontes entre a escola e a comunidade e construir redes de relações entre esses dois universos, atuando junto a núcleos internos (grêmios, conselhos escolares, alunos, familiares, professores e direção) e grupos externos (empresas, órgãos públicos, organizações da sociedade civil e cidadãos). Seu principal desafio é mobilizar esses atores, colocá-los em contato e facilitar a interatividade entre eles, para que possam trabalhar conjuntamente visando a identificar e promover novas oportunidades de aprendizagem.

Para cumprir a função de mediar relacionamentos e iniciativas geradas por segmentos tão diversos, recomenda-se que o Educador Comunitário mostre-se aberto, disponível, gregário e flexível, mas sempre firme em sua intenção de gerar transformações que elevem a qualidade da educação pública. Sugere-se ainda que essa atribuição seja compartilhada por diferentes integrantes da escola e da comunidade, principalmente gestores, professores e líderes comunitários, a fim de que cada um assuma um conjunto específico de responsabilidades, conforme seu cargo, suas características e aptidões.

Os mais observadores podem contribuir identificando oportunidades educacionais ainda não reveladas. Os sensíveis contribuem reconhecendo e valorizando o potencial e a motivação dos envolvidos. Os comunicadores devem utilizar sua habilidade para articular e manter as parcerias. Os empreendedores, para fazer as coisas acontecerem, e os líderes, para integrar e conduzir todo esse processo.

Seja qual for sua característica ou atribuição específica, todo Educador Comunitário deve ter como atributos essenciais um profundo compromisso com o desenvolvimento das pessoas e da comunidade, a humildade para saber que jamais conseguirá alcançar seu intento sozinho e a tenacidade para fomentar a promoção de mudanças de cultura e comportamento que levam tempo para acontecer.

FUNÇÕES DO EDUCADOR COMUNITÁRIO

Gestor

O grupo dos gestores inclui aqueles que exercem algum cargo de liderança no sistema público de ensino, como secretários, subprefeitos ou assessores, ou na escola, como diretores e coordenadores/supervisores pedagógicos. Deve ter como principal característica o espírito de liderança e exercer o papel de facilitador. Suas funções são:

Criar ambiência para que a Educação Comunitária ocorra

Mobilizar os agentes internos e externos

Construir pontes entre a escola e a comunidade

Integrar as ações

Consolidar a rede de relações

Professor

Os professores são fundamentais no processo de implementação da Educação Comunitária e, por essa razão, precisam dispor de tempo para se dedicar a essa função. O docente que assume esse desafio deve ter como principal característica a criatividade e exercer o papel de empreendedor. Estão entre suas atribuições:

Coordenar o mapeamento interno e externo, levantando demandas e oportunidades

Articular os atores em torno da realização de ações conjuntas

Liderar o processo de construção das trilhas educativas

Empreender os processos formativos

Integrar a sala de aula com a comunidade

Líder Comunitário

Os líderes comunitários devem ter como característica o espírito educativo e atuar fundamentalmente como mediador, exercendo as funções de:

Criar ambiência na comunidade para que a Educação Comunitária ocorra

Identificar demandas e possibilidades pedagógicas na comunidade

Propor oportunidades educativas à escola

Apoiar a interface entre os diversos setores (sociedade civil, empresas, governo), para que possam colaborar de forma articulada com a escola

Intermediar a relação entre a escola e a comunidade

O CENTRO PODE SER UMA SALA DE AULA

Depoimento de Olga Arruda,
Assessora Especial da Subprefeitura
da Sé/SP.

“Eu sou professora da Prefeitura de São Paulo e já fui coordenadora e diretora de escola. Ao tornar-me supervisora escolar, pude entrar em contato com várias escolas, o que me proporcionou uma visão mais integrada da relação escola-comunidade. A partir disso, comecei a perceber que, se a escola não trabalha com o seu entorno e não o envolve, não tem condições de sobreviver e de avançar no seu trabalho.

Em janeiro de 2005, fui nomeada coordenadora das escolas da região central da cidade de São Paulo e passei a trabalhar com cerca de 30 escolas. Nesse período, o Subprefeito da região da Sé me procurou com a idéia de fazer com que as crianças das escolas da região central ocupassem e vivessem sistematicamente todos os espaços culturais que o centro oferecia.

Comprei a idéia e fiquei muito feliz em receber esse apoio. A partir de fevereiro de 2005, escrevemos e colocamos em prática o projeto: ‘*O centro pode ser uma sala de aula*’. No começo, a Subprefeitura disponibilizou alguns ônibus para fazer o traslado das crianças das escolas até os espaços culturais do centro. Com o passar do tempo, percebemos que apenas disponibilizar

ônibus não era suficiente, pois precisávamos entrar em contato com as instituições e fazer com que elas se preparassem para receber os nossos alunos e os desejassem. Era necessário, então, construir algumas trilhas dentro do centro de São Paulo.

Inicialmente não foi fácil convencer as instituições da comunidade a receberem os nossos alunos. Constatamos que a escola se fecha para o seu entorno e vice-versa. Nós, porém, não desistimos, defendemos o projeto e, aos poucos, fomos seduzindo algumas instituições culturais. Hoje já temos cerca de 80 instituições parceiras. Passamos a nos reunir sistematicamente com as parcerias institucionais para pensar formas educativas e criativas para que elas recebessem os nossos alunos à medida que as fomos conquistando.

Então buscamos um patrocinador, que atualmente nos fornece os ônibus para o deslocamento dos alunos. Outra preocupação nossa era com a formação do educador comunitário, peça chave para impulsionar todo esse processo. Para resolver essa questão, firmamos uma parceria com a ONG Cidade Escola Aprendiz, que ficou responsável por toda a formação dos nossos professores e gestores e, atualmente, atende à capacitação de um grupo de 50 professores. Nas capacitações, eles discutem o papel do educador comunitário e entendem um pouco mais sobre o conceito de educação comunitária e bairro-escola.

Quando iniciamos o projeto ‘*O centro pode ser uma sala de aula*’, a nossa maior preocupação era não reduzir todo o nosso esforço a um mero passeio, pois o nosso objetivo era bem maior: fazer do centro uma sala de aula. Ao realizar atividades educativas fora da escola, percebemos que o professor precisava se planejar antes de conduzir as saídas e animar debates e discussões na sala de aula.

Como não podemos fazer com que todas as classes participem de todas as atividades educativas, nós estimulamos a troca entre elas. Por exemplo, uma turma vai ao Teatro Municipal e outra vai até a Sala São Paulo e, quando esses alunos retornam à escola, nós proporcionamos momentos de troca dessas experiências. Esta iniciativa gerou uma maior integração entre alunos de diferentes classes da escola.

Os nossos professores que estão sendo capacitados pela ONG Cidade Escola Aprendiz iniciaram um processo que chamamos de ‘mapeamento da região’. Eles estão analisando todas as potencialidades educativas do centro para que possam incluí-las nas nossas trilhas educativas. Eles também fazem visitas monitoradas para conhecer os locais antes de levar os alunos, assim se sentem mais preparados ao acompanhar as crianças. No processo de mapeamento, nossos professores chegaram a lugares conhecidos, como o Pátio do Colégio, Teatro Municipal, a Igreja da Sé, entre outros, além de também

descobrirem espaços pouco percebidos, como o Museu do Óculos, o Museu da Energia e até mesmo o Cemitério da Consolação. Nós nos orgulhamos de dizer que transformamos um cemitério em uma escola a céu aberto (risos). Levamos os alunos ao cemitério e estudamos com eles as diversas obras de arte que compõem o cenário local.

Todas as visitas são gratuitas, a maioria das nossas saídas é feita no turno oposto ao que o aluno está matriculado na escola, pois o nosso objetivo é fazer com que ele vivencie cada vez mais atividades escolares internas e externas, aumentando o seu tempo de ligação com a escola. Geralmente, os nossos alunos assistem às aulas no período da manhã, almoçam na escola e à tarde partem para as atividades culturais. Os alunos não são obrigados a ir às saídas educativas, mas a maioria comparece e gosta muito da iniciativa.

O perfil do educador comunitário precisa ser o de uma pessoa dinâmica e que goste de se relacionar com os outros. Na verdade, ele é um multiplicador, articulador e mobilizador. Segundo as nossas diretrizes, o professor que tem vontade de se tornar um educador comunitário precisa fazer um projeto e ser aprovado pela escola. Cada escola tem uma média de dois professores comunitários.

Já conseguimos enxergar alguns reflexos trazidos por esse projeto. Notamos que os alunos estão mais curiosos, dispostos e

motivados. Procuramos sempre envolver os pais nessas atividades. Alguns chegam a acompanhar os seus filhos nas visitas, muitos deles foram à ONG Cidade Escola Aprendiz, na Câmara Municipal e em parques da cidade. Os alunos e os pais começaram a perceber que o centro também é um bairro. Eles passam a ter uma outra visão sobre o lugar onde moram e estudam.”

VIZINHOS PARCEIROS

Depoimento de Ivete Mitico, diretora da Escola Estadual Rodrigues Alves.

“A Escola Estadual Rodrigues Alves é muito tradicional e procurada, por esse motivo enfrentamos um sério problema de excesso de alunos. A demanda é muito grande e o número de alunos por classe é sempre maior do que o aconselhável. No diurno, a escola funciona de primeira a oitava série e, no noturno, temos o ensino fundamental e médio para jovens e adultos. Atualmente, são mais ou menos 2.400 alunos divididos nos três períodos e oitenta professores.

Eu fui para essa escola em 1990 e, com o decorrer dos anos, fui percebendo que ensinar os alunos a aprender a ler e contar não era o suficiente. Observei que a motivação dos professores não vinha apenas de um trabalho bem executado, ela vinha também a partir de um desafio. Foi aí que eu descobri que, quanto mais autonomia você delega aos professores e aos alunos, mais eles produzem.

No ano de 1998, quando a Secretaria da Educação do Estado trouxe a proposta para a escola trabalhar com voluntários, abrimos nossas portas para a comunidade. Muita gente boa se aproximou. Hoje temos voluntários que dão aula de inglês e informática. A escola está sempre aberta a propostas, o voluntário vem com um projeto, nós o apoiamos e o trabalho é desenvolvido. Além do voluntariado, desenvolvemos uma série de parcerias com empresas privadas.”

Nossos Parceiros

“Estamos localizados na Avenida Paulista, por isso, geograficamente perto de empresas importantes, como exemplo o Itaú Cultural, nosso vizinho e parceiro. Todo o equipamento do Itaú Cultural é disponibilizado para a escola. Antes de uma exposição geral, os monitores do Itaú fazem uma capacitação com os nossos professores sobre a temática abordada na exposição. Os professores acompanham em seguida os seus alunos à exposição e multiplicam com eles tudo o que aprenderam, tematizando em classe o que descobriram juntos.

Outro vizinho parceiro é o Hospital Santa Catarina. Tudo começou quando um senhor de 70 anos chegou à escola com vontade de contribuir. Nós ficamos sabendo que nesse hospital, em frente à escola, existe um museu, para o qual o senhor levou as crianças em visita. Depois disso, não paramos mais de fazer projetos e parcerias com o Santa Catarina.

Outro projeto em parceria com esse mesmo hospital se chama ‘Contador de Histórias’.

Os nossos alunos vão para a pediatria contar histórias para as crianças internadas. Depois que demos o primeiro passo, os funcionários começaram a perceber que poderiam se aproximar da escola e hoje quem organiza o coral dos alunos, de primeira a quarta série, é um voluntário, funcionário do Hospital Santa Catarina.

Nós também temos uma parceria com a ONG Paulista Viva, que desenvolve cursos de informática para os nossos alunos. Além disso, existe uma grande parceria com o Banco Real que, além de participar ativamente da vida da escola há quatro anos, está preparando todo um projeto de restauro do prédio.

O objetivo de todas as parcerias que estamos desenvolvendo é ampliar o currículo escolar. A nossa ideia foi levar os alunos para outros ambientes e aprender nesses lugares. As parcerias não foram planejadas. Elas foram surgindo, as pessoas começaram a nos procurar e passamos, conseqüentemente, a tecer as nossas trilhas.

O que temos de mais precioso na escola são as pessoas voluntárias: pais, professores e alunos com vontade de contribuir e doar o seu tempo. Hoje percebemos que tanto a comunidade procura a escola quanto a escola procura as potencialidades educativas da comunidade. O professor já começa a perceber que é necessário ampliar os espaços de aprendizagem, pois o aluno já está muito cansado da sala de aula.

O perfil dos educadores que participam de experiências como essas é o de professores que gostam de ser expoentes e de sua atividade. Um professor que entra num processo desses ganha em troca muito trabalho e a recompensa gratificante de um trabalho bem feito!

Percebemos que cada vez mais os alunos gostam da escola e sentem paixão pelas atividades. Já os professores envolvidos apresentam uma melhora na sua autoestima. Hoje metade dos nossos professores já está envolvida com a educação comunitária. Os pais também estão muito mais participativos. Recentemente, nós fizemos uma aula com os alunos no Play Center para que eles pudessem aprender ciência no parque de diversões. E essa é uma iniciativa do próprio parque, mas que também interessou muitos pais e mães que compareceram com seus filhos para aprender Ciências. Outro ganho foi a maior interação dos alunos com a Avenida Paulista. Graças às nossas constantes saídas para estudo e aprendizagem, muitos alunos passaram a levar os seus pais para a Avenida no fim-de-semana.

Acredito que o nosso maior desafio é o de mostrar que a escola não é desnecessária e que apenas as visitas culturais não são suficientes para a formação dos alunos. Estes precisam perceber que a escola ainda é muito importante e o que nós estamos tentando fazer é adequar o currículo escolar à comunidade”.

O PEDAGOGO COMUNITÁRIO

Depoimento de Maura Lígia Costa Russo, Secretária de Educação do Município de Praia Grande.

“O município de Praia Grande é bem novo, por isso a prefeitura só implantou o ensino fundamental no ano de 1996. Percebemos, contudo, altos índices de retenção e começamos a investigar as causas para buscar soluções. Constatamos que a ausência da família na vida escolar estava associada à repetência das crianças.

Este cenário nos fez pensar na criação do cargo do pedagogo comunitário, responsável por fomentar um elo entre a comunidade e a escola. Em 2005, o município criou uma política pública que visava a incluir o pedagogo comunitário nas escolas da rede. Temos 52 escolas municipais e cada uma elegeu o seu educador.

Para ser um pedagogo comunitário, o profissional precisa atender a dois critérios: ser formado em pedagogia e ser professor titular de escola. Durante todo o ano de 2005, os pedagogos comunitários freqüentaram um curso sobre educação comunitária, para em 2006 iniciarem efetivamente as suas ações.

Há alguns anos, a proposta pedagógica da escola era passada pela Secretaria de Educação, mas percebemos que esse não era o caminho, pois cada escola precisava discutir a sua própria proposta.

Então a direção começou a sentar com os pais, com a comunidade e com os alunos para buscar a proposta que melhor se adaptasse a cada escola. Em seguida, uma comissão formada por pais e mestres convoca a Secretaria de Educação que vai até a escola ver a apresentação da proposta pedagógica. Com a implantação do pedagogo comunitário, manteremos esse mesmo modelo participativo.

Os professores e a escola estão aceitando muito bem todo esse novo processo que se inicia no município. O que buscamos com essa política é: fazer com que as crianças melhorem o seu desempenho; diminuir a repetência; ampliar o tempo de permanência do aluno na escola e aproximar família e comunidade do ambiente escolar.

Em 2006, inicialmente será traçado um perfil do bairro e do entorno da escola. Faremos um mapeamento e depois cada pedagogo terá a liberdade para construir as suas próprias trilhas. O grande desafio, para nós, é trazer a família para perto da escola em face à sua tendência atual de ser omissa em relação à educação dos seus filhos. Teremos que fazer um grande processo de sedução. Todas as ações serão relacionadas com o currículo escolar. Sabemos que não existe receita e apenas com a prática poderemos perceber a amplitude e os impactos dessas ações.”

DERRUBANDO AS PAREDES

Depoimento de Ana Elisa Siqueira, diretora da Escola Municipal Amorim Lima.

“Apesar de ser formada por instituições particulares sempre trabalhei em escolas públicas. É uma questão política: preciso estar onde está a maioria. A perspectiva no espaço público é muito maior, e essa foi a minha opção desde sempre. Não é só trabalho, é ideal de vida.

Quando cheguei à escola Amorim Lima, a minha primeira providência foi estimular e fortalecer o conselho escolar. Passei a convocar todos (pais, funcionários da escola, direção, coordenação e os professores) a participarem das reuniões do conselho. Hoje tudo é pensado, feito e planejado com apoio do conselho escolar. Atualmente, posso dizer que todos os seus membros já se apropriaram da vida escolar e estão muito mobilizados a produzir transformações.

Em função da articulação gerada pelo fortalecimento do conselho, os pais passaram a se aproximar cada vez mais da escola. Montaram um grupo para discutir e mapear os seus problemas. Isso gerou a realização de várias ações conduzidas pelos próprios pais e nos trouxe também várias demandas.

Para melhorar os processos da escola, resolvemos aplicar uma verba anual do MEC na formação da comunidade escolar. Contratamos então uma assessoria especia-

lizada que vinha a cada dois meses discutir educação com toda a escola. Todo mundo participava, desde os funcionários de limpeza até a diretora. Um dia essa assessoria nos trouxe um vídeo apresentando a experiência da Escola da Ponte, de Portugal. Os pais ficaram encantados com aquela proposta e passaram a desejar a construção de um novo projeto pedagógico baseado nessa escola.

Para implantar esse sonho, os pais se reuniram e foram até a Secretaria de Educação do Município pedir apoio para a implantação desse novo projeto pedagógico. A Secretária de Educação se sensibilizou com essa forte mobilização, resolveu ir conhecer a Escola Amorim Lima e logo comprou a idéia. Então a Secretaria pagou uma assessoria que ajudou a escola a montar e implementar o projeto.

E em fevereiro de 2004, nós demos início a esse ousado projeto. Conheci pessoalmente a Escola de Portugal e fiquei encantada. Ela reforça a natureza democrática do conhecimento. As crianças sabem o que têm que fazer, cada uma é responsável por seu projeto. Foge da idéia de uma educação pautada no resultado.

O pressuposto do projeto é a busca de aprendizado pessoal dentro de um processo e de um espaço coletivos. Para concretizar a teoria, o primeiro passo foi derrubar as paredes entre as classes. Dentro desse espírito, os professores também precisavam ficar juntos, para compartilhar experiências e poder discuti-las.

O segundo passo foi inserir oficinas de inglês, arte, educação física, teatro, capoeira, leitura, informática e educação ambiental na grade curricular. Cada uma dessas séries piloto foi dividida em 21 grupos de 5 estudantes, que revezam as atividades entre a classe e as oficinas. Em geral, ficam 25 alunos na sala de aula.

Os alunos sempre trabalham coletivamente e em atividades pessoais e podem pedir ajuda aos colegas; compartilham oficinas, mas as tarefas são individuais. Eles trabalham por objetivos, dentro das áreas propostas pelos professores. Uma vez por semana, há a tutoria, quando a ficha de organização semanal de cada aluno é discutida e também o progresso da semana.

Já notamos alguns resultados positivos, um deles é que a presença simultânea de vários educadores ameniza conflitos entre aluno e professor, pois a terceira pessoa faz um contraponto. É importante frisar que a escola está totalmente de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases. Isso também elimina um dos problemas crônicos da escola pública: aulas vagas devido à falta de professores. Mesmo com dois ausentes, um dá conta da sala com 25 alunos.

Em 2005, as únicas séries que ficaram de fora desse novo projeto pedagógico foram a quarta e oitava, mas elas serão incluídas no ano de 2006. Assim, teremos todas as séries inseridas no processo e mais paredes serão derrubadas. Vimos que não dá para ter duas escolas em funcionamento ao mesmo tempo. Ou é para todos, ou não é para ninguém.”

CAMINHADA DA PAZ

Depoimento de Bras Nogueira Rodrigues, Escola Estadual Campos Salles

“O Trabalho que desenvolvemos começou com base em duas idéias: a primeira é que tudo passa pela educação, o que não quer dizer que tudo passe pela escola, pois a cidade deve ser a escola; a segunda idéia é que a escola só vai fazer bem a sua parte se ela se aproximar da comunidade, pois a escola tem que ser o centro de liderança na comunidade em que atua, sendo necessária a aproximação com as lideranças comunitárias.

Em novembro de 1995, eu cheguei à Escola Estadual Campos Salles, localizada no bairro de Heliópolis, de 120 mil habitantes, na periferia de São Paulo, com essas idéias na cabeça e não abri mão delas nem um minuto. O trabalho que desenvolvo hoje na Escola Campos Sales é a continuação de muitos anos de experimentações.

A partir de encontros que montamos com os pais de alunos e as lideranças da comunidade, nasceram quatro comissões. Estas eram formadas pelos pais, alunos, ex-alunos e pelas lideranças da comunidade. De todas, a que mais se destacou foi a *Comissão Relação Escola Comunidade*. Antes dessa Comissão se formar, era eu quem fazia esse papel, colocava um short e ia correndo pela comunidade, batendo de porta em

porta convocando as pessoas para participarem da vida escolar. Eu dizia para todos que sem educação não existia solução!

As comissões foram fundamentais e os resultados foram muito bonitos. A *Comissão de Reivindicação* não se reúne sistematicamente, mas é extremamente mobilizada. Se a gente precisar de 50 pessoas para fazer uma reivindicação de um dia para o outro, a Comissão consegue articular e mobilizar essas pessoas. A *Comissão de Cultura, Esporte e Lazer* organiza uma mostra cultural anual. Na escola tem Karatê, Capoeira, grupo de Teatro. A *Comissão de Limpeza, Conservação e Manutenção do Prédio Escolar* lidera a pintura da escola.

Com o surgimento das comissões e com a entrada da comunidade e dos pais de alunos na escola, percebemos que a violência dentro da escola diminuiu bastante. Hoje, por exemplo, já não é mais comum encontrar alunos brigando nos corredores da escola. No entanto, a violência no bairro ainda continua. Em 1999, foi assassinada uma aluna que tinha 16 anos e estudava no período noturno. Aquilo me revoltou profundamente. E depois de refletir com alguns colegas sobre o acontecido, decidimos fazer uma caminhada pela paz na comunidade.

No começo, existia um medo que paralisava a todos da comunidade e da escola. Mas aos poucos, através das lideranças locais e do boca-a-boca, nós fomos mobilizando as pessoas. A UNAS (União dos Núcleos Asso-

ciações e Sociedades do Heliópolis) apoiou totalmente a iniciativa da caminhada. E assim realizamos a primeira Passeata da Paz de Heliópolis, onde mais de cinco mil pessoas estiveram presentes. A partir daí, a passeata se tornou anual e esse ano nós já estamos na sétima edição. Hoje em dia a Passeata da Paz é um dos principais eventos da comunidade.

Uma conquista da caminhada que eu consigo enxergar é a quebra do medo que paralisava as pessoas. No ano de 2000, eu perguntei como a comissão organizadora estava se sentindo, se existia alguma espécie de medo etc. Um aluno da escola, que na época devia ter uns treze ou quatorze anos, falou: “Eu queria dizer para todos vocês que eu não tenho medo nenhum porque eu aprendi na primeira caminhada que tenho medo quando caminho sozinho, quando eu caminho com milhares de pessoas o meu medo se transforma em coragem”.

Com relação aos resultados dessa caminhada, pudemos observar uma diminuição considerável na violência praticada no bairro. O jornalista Gilberto Dimenstein escreveu um artigo recentemente dizendo que o número de assassinatos nos últimos três anos, no bairro de Heliópolis, diminuiu em 60%.

Inicialmente, foi difícil conseguir o envolvimento dos professores da escola, pois muitos estavam desmotivados, eles não tinham o hábito de construir as coisas por si, sempre esperando da Prefeitura ou do Estado a solução para os seus pro-

blemas. Atualmente, o professor da Escola Campos Salles tem outro perfil. Hoje, 12 professores da escola fazem parte da *Comissão Relação Escola Comunidade*.

Há dois anos atrás, essa Comissão se transformou em um projeto oficial, significa que o professor é pontuado e que tem o horário determinado semanalmente, mas infelizmente, desde que essa Comissão foi oficializada, os pais e os alunos deixaram de participar. De outro lado, a oficialização da Comissão foi uma boa, pois os professores estão muito mais motivados.

A ESCOLA QUE DÁ SAMBA

Depoimento de Waldir Romero, diretor da Escola Municipal Garcia D'Ávila

“Tenho 22 anos de funcionalismo público municipal e sou diretor da Garcia D'Ávila há 10 anos. A minha formação é muito influenciada por Paulo Freire, não me preocupo apenas com a alfabetização, mas também com a formação cidadã. Posso dizer também que uma das bases da minha formação foi ter sido feirante e office boy. Essas duas experiências me possibilitaram conhecer as pessoas e lidar com elas.

Quando eu cheguei aqui, encontrei uma escola muito feia e suja. Aqui dentro tinha drogas, violência e até assassinatos. Para reverter essa situação, comecei a conversar com os meninos sobre ética e cidadania. No começo, eles disseram: “você é mais um que vem para

ficar um tempo aqui e depois vai embora, a gente nem quer papo com você”. Tive que pensar em um projeto a longo prazo. A minha formação pessoal e profissional me mostrava que o projeto tinha que ser na escola. Se você não fizer um projeto para o menino e para a comunidade, você não vai para lugar nenhum.

Contra tudo e contra todos, começamos a abrir a escola no fim-de-semana. Nesse momento, só os adolescentes apostaram nessa idéia, pois era a única opção de lazer para eles. Realizamos diversos bailes e deu tudo certo, a turma dos “apocalípticos” dizia que foi sorte nossa e que das próximas vezes ia dar problema etc.

No ano de 1997, a escola passou por uma grande reforma física, todos os espaços estavam em obra e mesmo assim não deixamos de dar aula e nem dispensamos nenhum aluno. Os professores tiveram que se virar para dar aula, utilizaram a quadra, o pátio e os corredores. Esse fato os obrigou a saírem dos seus mundinhos organizados, todos tiveram que abandonar a estrutura fabril da escola. Esse ano foi um caos produtivo.

Depois dessa reforma, a escola tomou outra cara. Isso deu mais união às pessoas. O nosso próximo passo foi estabelecer parcerias com a comunidade. Passei a ir conhecer as escolas de samba do bairro. À medida que eu comecei a freqüentar as quadras das escolas de samba da região, me aproximei mais dos meus alunos e isso me fez perceber o potencial educativo desses espaços.

Começamos a desenvolver um trabalho que envolve educação, cidadania e carnaval. Fizemos ensaios de escolas de samba dentro da Garcia D'Ávila, eleição da rainha da bateria, e a escola passou a virar um *point* do samba. A comunidade passou a tomar para si a escola, e a partir do samba nós transformamos a comunidade em um espaço de aprendizagem.

Nós temos um trabalho aqui que busca fazer uma reconstituição da história do bairro a partir das trajetórias das escolas de samba da região. Para esse trabalho, utilizamos como referência o livro “A evolução do Parque Peiruche e sua gente”, escrito por um autor aqui da comunidade. O autor foi na escola e entrou em contato com nossos professores, pais e alunos. Foi uma experiência muito rica para todos. Depois de estudarmos e entendermos a nossa história, começamos a fazer um trabalho de mapeamento do bairro junto com os alunos.

A partir de 2003, passamos a organizar a festa de aniversário do bairro em uma perspectiva comunitária: chamamos todo mundo para participar: a igreja, a mãe de santo, os moradores, as escolas particulares. Um outro evento que fazemos é o “Folia da Cidadania”, um desfile no qual os jovens e adolescentes aprendem como se faz um enredo, como se desenha uma fantasia e como se cria um samba. No sábado anterior ao sete de setembro, nós fazemos um grande desfile aqui pelas ruas do bairro. Hoje a escola é o centro político do bairro e todos esses processos são liderados por ela.

Agora estamos projetando para daqui a dez anos a internacionalização do Parque Peiruche. Queremos transformá-lo em um pólo de recepção de turismo voltado ao samba e ao carnaval. Queremos transformar o Parque Peiruche numa “Vila Madalena” da periferia, com casas de espetáculos, restaurantes e toda uma estrutura para receber turistas de São Paulo, do Brasil e do exterior. Esse projeto vai trazer valorização, respeito, geração de renda e emprego. A idéia é construir, a partir da história da comunidade, o seu futuro. Todos esses processos passam aqui pela escola, hoje em dia não temos mais a separação escola comunidade.

Todas essas ações também são trabalhadas na escola como temas transversais. Fazemos reuniões pedagógicas que visam a inserir esses temas no nosso currículo. Temos uma grande participação das famílias nas atividades. Entendemos que escola é parte da sua realidade, da sua cidade e do seu bairro. E à medida em que você entende a sua comunidade, fica mais fácil entender a sua cidade, o seu estado, o seu país e o mundo. Hoje em dia a nossa escola não tem mais nenhum problema com violência, ela é bem cuidada e as pessoas têm orgulho de estudar e trabalhar aqui. Percebemos que a violência no bairro também diminuiu. Hoje a comunidade é outra e todos reconhecem a nossa escola como líder nesse processo.”

CURSOS DE FORMAÇÃO**Em Educação Comunitária****• USP Leste: Curso de Atualização em Educação Comunitária**

Objetivo do curso: formar dirigentes e docentes da rede pública de ensino do município de São Paulo para o trabalho com a comunidade (bairro) onde as escolas públicas estão inseridas, com o objetivo de auxiliar na formação de redes de ação educativa que integrem bairros e escolas e que tenham como meta a construção da cidadania e da democracia.

Público Alvo: Docentes e dirigentes de escolas públicas do município de São Paulo das regiões Leste e Norte.

Duração: 120 horas/aula, divididas em 3 módulos de 40 horas/aula.

Contatos: Portal do Programa Educador Comunitário
<http://educomunitario.incubadora.fapesp.br>
 educadorcomunitario@yahoo.com.br

• UNICAMP: Curso de Especialização em Gestão Educacional

Objetivo do curso: pensar sobre as múltiplas dimensões das ações que os gestores realizam em suas escolas; ampliar os conhecimentos dos gestores de unidades escolares no que se refere aos múltiplos aspectos envolvidos no planejamento e gestão como processo de construção coletiva, estimulando a realização e o aprofundamento de estudos na perspectiva de uma formação continuada; valorizar a prática profissional concreta dos gestores de unidades escolares e incrementar o intercâmbio de experiências sobre a gestão de projetos sociais. O curso é composto por 12 módulos, entre eles: “A Escola e a Educação Comunitária”.

Público-Alvo: Diretores de Escolas Estaduais de São Paulo.

Duração: 390 horas

Contatos: <http://www.gr.unicamp.br/ggpe/gestores>
 UNICAMP: Coordenação Pós-graduação da Faculdade de Educação
 Fones: (19) 3788-5572 / 5634 / 5691

• O Centro Pode Ser uma Sala de Aula - Subprefeitura da Sé

Objetivo do curso: formar educadores comunitários nas escolas municipais do centro de SP que promovam a utilização educativa dos recursos do centro da cidade e intensifiquem no currículo escolar as vivências comunitárias, fortalecendo a noção de pertencimento ao bairro e à cidade. Estes professores desenvolvem projetos que contemplam a comunidade como espaço de aprendizado, envolvendo o aluno com a riqueza cultural do entorno e aproximando o cotidiano do currículo escolar.

Público Alvo: Educadores da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo, das escolas da região Centro.

Duração: 120 horas

Contatos: Coordenação de Projetos Subprefeitura da Sé/SME
 Fones: (11) 3329-8250 / 8149 / 8125

• Curso de Formação de Pedagogos Comunitários no Município de Praia Grande

Objetivo do curso: Formação de pedagogos comunitários nas escolas municipais de Praia Grande, um representante por escola. Criação do Projeto de Educação Comunitária do Município, pautado nas experiências de Bairro Escola, implementação das ações e projetos nas escolas.

Público Alvo: Professores, coordenadores, diretores da rede pública, equipe da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, pais e comunidade em geral.

Duração: 120 horas

Contatos: Secretaria Municipal de Educação de Praia Grande
 Fones: (13) 3473-1470 / 3496-2350

BIBLIOGRAFIA E SITES

Sobre os teóricos e os conceitos que influenciam a Educação Comunitária

ANÍSIO TEIXEIRA

Site: <http://www.prossiga.br/anisoteixeira>

Artigos: TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, 70 (166): 435-462, 1989.

TEIXEIRA, Anísio. *A Escola Parque da Bahia*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 47 (106): 246-253, abr./jun.1967.

BAIRRO ESCOLA

Livros: ALVES, Rubem. *Aprendiz de mim, um bairro que virou escola*. Campinas: Editora Papirus, 2004.

PINSKI, Jaime (org). *Práticas de Cidadania*. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Capítulo: Bairro escola uma experiência de reaprendizado na rua – Gilberto Dimenstein

CIDADES EDUCADORAS

Site: <http://www.edcities.bcn.es>

Livro: GADOTTI, Moacir e CABEZUDO, Alicia. *Cidade Educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

ESCOLA DA PONTE

Livros: ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Editora Papirus.

PACHECO, José. *Quando eu for grande, quero ir à primavera*. Editora Didática Suplegraf.

PACHECO, José. *Sozinhos na escola*. Campinas: Editora Didática Suplegraf.

JAQUELINE MOLL

Site: <http://www.comunidadesdeaprendizaje.net>

Texto: MOLL, Jaqueline. *Reinventar a escola dialogando com a comunidade e com a cidade: Novos Itinerários Educativos*. Revista Pátio. Porto Alegre: ARTMED. Ano VI, n. 24: 58-61, nov./2002 - jan./2003.

JOHN DEWEY

Site: <http://cuip.uchicago.edu/jds>

Livro: DEWEY, John. *Democracia e Educação. Introdução à Filosofia da Educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3ª edição. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1959. - Capítulos: O ato de pensar e a educação e A natureza do método.

MADALENA FREIRE

Livro: FREIRE, Madalena. *Observação, Registro, Reflexão - Instrumentos Metodológicos I*. São Paulo: Publicações Espaço Pedagógico, 1998.

PAULO FREIRE

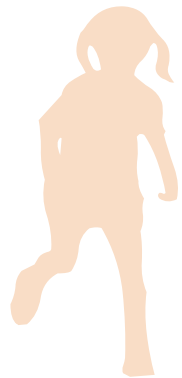
Sites: <http://www.paulofreire.org>
<http://www.espacoacademico.com.br>

Artigo: SILVA, Ozaí. *Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica*. Revista Espaço Acadêmico. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 42, nov./2004. ISSN 1519.6186.

ROSA MARIA TORRES

Site: <http://www.fronesis.org>

Artigo: TORRES, Rosa Maria. *Comunidade de Aprendizagem: A educação em função do desenvolvimento local e da Aprendizagem*. Instituto Fronesis. (Consulta ao site em novembro de 2005)



FICHA TÉCNICA

Realização:
Associação Cidade Escola Aprendiz

Presidente
Miguel Pereira Neto

Vice-presidente
Gilberto Dimenstein

Direção
Yael Sandberg Esquenazi

Centro de Formação em Educação Comunitária
Claudia Donegá
Judith Terreiro
Michel Metzger

Apoio:

UNESCO
Fundação Educar DPaschoal

Sistematização, Editoração e Projeto Gráfico:
CIPÓ Produções

Coordenação: Nena Oliveira

Sistematização: Anna Penido e Camila Aragón

Redação: Anna Penido e Alberto Freitas

Revisão: Alena Cairo

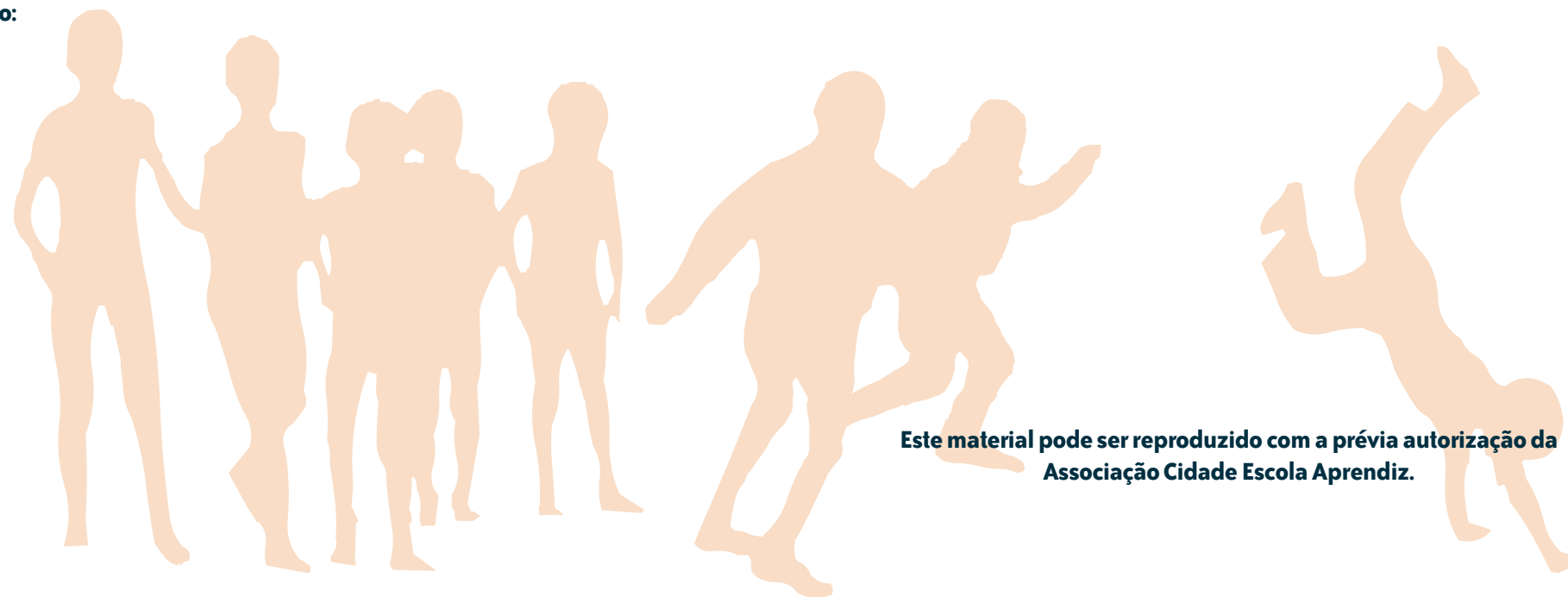
Design e Ilustrações: Mauro YBarros

Finalização: Adriano Lorens

Produção: Tereza Soares

Capa:
Renato Izabela
Pedro Campos

Impressão e Fitolito: MPC Artes Gráficas



Este material pode ser reproduzido com a prévia autorização da Associação Cidade Escola Aprendiz.

CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

